

A RELEVÂNCIA DA VAGUEZA PARA A TRADUÇÃO, ILUSTRADA COM EXEMPLOS DE INGLÊS PARA PORTUGUÊS

Diana Santos *

RESUMO: Este artigo aborda a noção de vagueza com algum pormenor, de forma a defini-la de uma maneira útil para a descrição gramatical e sobretudo para o contraste entre duas línguas. O objectivo principal é demonstrar como este conceito é importante na tradução (e consequentemente também na análise desta).

Além de interpretar (uma parte das) escolhas do tradutor como devidas à existência de vagueza contrastiva, proponho que os sistemas gramaticais em bloco também devem ser comparados, sugerindo a relevância para esse efeito dos conceitos de vagueza gramatical e vagueza gramatical contrastiva.

Apresento de seguida uma vasta gama de exemplos de tradução de inglês (americano) para português (de Portugal), que ilustram os problemas causados por estes dois tipos de vagueza na área do tempo e aspecto.

UNITERMOS: tradução; estudos contrastivos; tempo; aspecto; português; inglês.

Introdução

Não é raro ler-se que, se não for possível manter um enunciado vago na língua de destino, o tradutor tem de escolher uma tradução sem poder recorrer a um critério objectivo. Esta afirmação está associada à ideia, já clássica, de que línguas dife-

(*) Departamento de Estudos Britânicos e Norte-Americanos, Universidade de Oslo, Noruega.

rentes identificam bocados diferentes da realidade (cf. Lyons (1968:9.4.6) ou Bassnett-McGuire (1980, p. 30-1)). No entanto, os exemplos mencionados restringem-se muitas vezes a casos exóticos envolvendo camelos ou neve, de importância prática diminuta nos dias de hoje.

O meu objectivo é apresentar aqui um outro tipo de vagueza – a que chamarei vagueza gramatical –, e mostrar que, esta sim, constitui uma dificuldade considerável para a tradução quotidiana. Primeiro, pretendo sublinhar que a vagueza é uma propriedade essencial da linguagem natural – não nos encontramos, pois, em presença de um fenómeno explicável em termos de diferenças acidentais entre duas línguas. Em segundo lugar, quero mostrar que, quando os sistemas de duas línguas (inerentemente vagos) são postos frente a frente, nos apercebemos de um muito maior número de diferenças entre essas duas línguas.

Este artigo apresenta de forma condensada uma das conclusões mais importantes da investigação que conduziu à minha tese de doutoramento (Santos, 1996), cujo objectivo era contrastar os sistemas de tempo e aspecto do português e do inglês. Tendo analisado centenas de pares original-tradução, fui obrigada a reconhecer que, quanto mais fina a análise, mais contrastes se tornam visíveis, e que esses contrastes, na sua maioria, giram em torno da noção de vagueza.

O conceito de vagueza

Uma tarefa central no contexto do presente artigo é pois clarificar o que pretendo transmitir com o termo vagueza, que não sendo excepção entre os termos gerais em linguística, tem uma definição vagamente partilhada por todos, mas é, de facto, empregue de tantas formas diferentes quantas os investigadores que o usam. (Outro exemplo flagrante dessa situação é o conceito de aspecto, de onde provém a maior parte dos exemplos deste artigo.)

Vagueza pode ser, numa primeira análise, apresentada como o oposto de uma definição precisa. Esta definição, contudo,

abrange pelo menos os conceitos de subespecificação, imprecisão, ambiguidade e talvez também redundância.¹

Como me esforçarei por tornar claro nas páginas que se seguem, a forma como pretendo definir vagueza como um conceito útil para a investigação linguística não abrange todas as formas de subespecificação (apenas aquelas que classifico como relevantes) nem de imprecisão (só imprecisão sistemática); e contrasta com (ou seja, opõe-se segundo alguns critérios, a) ambiguidade. Além disso, e independentemente da redundância impedir ou não uma definição precisa, este último conceito não está, simplesmente, relacionado com a vagueza que pretendo definir.

Vagueza é um atributo de uma classificação (ou esquema classificativo). Um objecto pode pois ser vago em relação a tantas classificações quantas lhe forem aplicadas. A primeira definição de vago pode pois ser: quando a um objecto (linguístico) pode ser atribuída, num dado esquema classificativo, mais do que uma classificação, então esse objecto é vago em relação à distinção efectuada pelos dois valores.² Esse objecto pode então ser usado como membro de qualquer das duas categorias, e pode ser interpretado como representando ambas. Além disso, *um falante pode usar [o objecto vago] sem se preocupar em decidir por uma das alternativas* (Keenan, 1978, p.173, tradução minha).

Na próxima secção, ilustro a ubiquidade do fenómeno da vagueza tal como foi definida aqui, aplicando a definição abstracta a várias situações concretas em linguística.

Vários casos de vagueza

Um dos casos mais discutidos de vagueza ocorre quando a classificação é feita em termos de uma quantidade objectiva (como

(1) De facto, neste vasto leque de interpretações possíveis pode ver-se a vagueza do próprio conceito de "oposto"; veja-se, por exemplo, Lyons (1968:10.4.1; 1977:9.1-2) sobre os vários fenómenos linguísticos que podem ser distinguidos.

(2) Para tornar as coisas mais simples, vou supor no que se segue que um objecto tem duas classificações e não mais. Mas é claro que uma palavra ou frase pode ser vaga entre três ou mais interpretações.

nos casos careca vs. não careca ou *fleuve* vs. *rivière*). Para classificar uma pessoa com pouco cabelo ou um rio de tamanho médio em francês podemos (em alguns casos, pelo menos) classificar o rio tanto como *fleuve* como *rivière*, e o homem como careca ou não. As palavras em si são claras e suficientemente precisas para serem empregues pelos falantes sem dar origem a mal-entendidos, mas não existe uma definição bem delimitada destes conceitos em termos do mundo real. Se pensarmos que em semântica uma das formas de definir (parcialmente) o significado de uma palavra é como o conjunto de objectos que denota (ou pode denotar), vemos que existe um grupo de objectos que pertencem aos dois conjuntos (cada conjunto definindo um termo). Podemos pois chamar a este tipo de vagueza *referencial*, como Kempson (1977, p. 124), visto que muitos possíveis referentes são vagos em relação às palavras que se lhes referem (em relação à classificação efectuada pela língua).³

Um caso parecido é o das palavras a que Lyons (1977:9.1) chama, na esteira de Sapir (1944), *opostos graduáveis* ("gradable opposites"), ou seja, palavras cujo sentido depende de uma comparação implícita, tais como *grande/pequeno*, *bom/mau*, *simpático/antipático*. Como na definição destes termos não entra uma delimitação precisa em termos de uma norma, muitos objectos, quando sujeitos a este tipo de classificação, resultam vagos entre, por exemplo, *grande* e *não grande*.

Ora é preciso notar que a vagueza referencial é absolutamente essencial numa língua, como Keenan salienta: *a linguagem humana tem de ser imprecisa para permitir uma comunicação eficiente* (Keenan, 1978, p. 160, tradução minha).⁴ É certo que, se

(3) Note-se que, na minha definição, não são as palavras que são vagas. Elas apenas têm contextos de aplicação (denotações) não disjuntos. A vagueza existe só na classificação das entidades físicas através destas palavras. Note-se o paralelo entre *falecer* e *morrer*: estas palavras não são vagas em relação ao nível de língua, os contextos em que são apropriadas é que se intersectam.

(4) Ninguém certamente afirmará que uma língua seria melhor se definisse o conceito de calvície em termos do número exacto de cabelos, ou identificasse rios em termos da largura exacta do seu leito. Contudo, também ninguém pode negar que tais definições seriam precisas e bem delimitadas.

outras línguas têm outros tipos de imprecisão, i.e., se dividem a realidade de formas diferentes, isto pode complicar o processo de tradução (na ausência do referente que o texto origem menciona, note-se) visto que o tradutor tem de adivinhar, fazer uma suposição. No entanto, e embora esta questão seja das mais discutidas na literatura, não é, de forma alguma, o maior problema que a vagueza constitui para a tradução: o número de textos que dependem crucialmente de uma identificação física muito precisa contam-se pelos dedos; além disso, essa necessidade pode ser satisfeita através de notas do tradutor.

Um outro tipo de vagueza para que quero chamar a atenção, e a que chamarei *vagueza contrastiva*, encontra-se implícito na prática corrente da tradução e aprendizagem de uma língua estrangeira, embora não seja reconhecida como tal: nos estudos contrastivos ou na lexicografia bilingue é costume classificar palavras ou expressões em termos de outra língua, que pode pois ser vista como um sistema classificativo.⁵ De facto, uma tradução fora de contexto (tal como a presente num dicionário bilingue) é uma classificação em que, em regra, existe mais do que um candidato – entradas com uma tradução única são raríssimas na maior parte dos pares de línguas. E o mesmo acontece com características gramaticais, como foi apontado por Nida (1959) e popularizado por Kameyama et al. (1991) na área de tradução automática sob o nome infeliz de “translation mismatches” (desajustes na tradução).⁶

Em si, esta vagueza não é necessariamente um problema, contudo, se em todos os contextos for evidente para o utilizador do dicionário (ou tradutor) que classificação (ou tradução) usar. O cerne da questão é o grau de sobreposição (ou partilha de significado) dos vários candidatos. (Como discutirei mais à frente, se os candidatos não partilharem qualquer contexto, a palavra da língua origem não é vaga, mas simplesmente ambígua.) Quanto mais divergirem, mais fácil é distingui-los (não há hesitação possível entre traduzir *aterrar* por *terrorize* ou por *land* em inglês).

(5) Dyvik (1997) defende mesmo esta abordagem como um programa de semântica, propondo redefinir as próprias noções de ambiguidade e de vagueza relativas a outra língua.

(6) Para uma crítica desta nomenclatura, veja-se Santos (1996:3.3).

Os exemplos da Tabela 1, de português para inglês ou alemão, ilustram casos de mais difícil escolha, precisamente porque existe algo de comum (expresso na terceira coluna, em inglês) que indica que seria possível usar a palavra no texto fonte sem decidir conscientemente.

Tabela 1

<i>conhecer</i>	<i>know</i> <i>meet</i>	be acquainted with get acquainted with
<i>comer</i>	<i>essen</i> <i>fressen</i>	(people) ingest food (animals) ingest food
<i>céu</i>	<i>heaven</i> <i>sky</i>	spiritually above earth physically above earth
<i>deixar</i>	<i>leave</i> <i>let</i>	abandon place abandon control
<i>ficar</i>	<i>get</i> <i>remain</i>	new result state continuing result state
<i>lago</i>	<i>pond</i> <i>lake</i>	small-sized large-sized
<i>retirar</i>	<i>remove</i> <i>retreat, leave</i>	move things out of a place move self out of a place
<i>enganar</i>	<i>cheat</i> <i>fail, be wrong</i>	induce others in error induce self in error
<i>oferecer</i>	<i>give</i> <i>offer</i>	unconditional transfer conditional transfer
<i>passar</i>	<i>spend</i> <i>cross, go by</i>	leave behind in time leave behind in space

Note-se que não pretendo afirmar que a escolha entre as duas opções seja sempre, ou sequer na maioria dos casos, problemática; apenas insisto na possibilidade de haver alguns contextos em que seja difícil.

De qualquer forma, a principal mensagem do presente artigo não é relativa a lexemas contrastivamente vagos, apresentados primeiro apenas para salientar as semelhanças com outro tipo de vagueza, que se refere à classificação em termos das categorias definidas pela própria língua⁷, e a que chamo *vagueza*

(7) O meu termo "categorias", ou mais precisamente categorias gramaticais, deve ser entendido no sentido lato de "todas as distinções reflectidas no sistema linguístico".

gramatical. Tal vagueza pode ter consequências sérias para a tradução, assim como a correspondente vagueza contrastiva (*gramatical*).

Começo por clarificar o conceito de vagueza *gramatical* monolíngüe.

Não sou evidentemente a primeira a notar que as categorias gramaticais não são bem delimitadas, nem fáceis de definir (veja-se outra vez Lyons (1977:11.1)). Também o paralelo entre a categorização *gramatical* e a categorização do mundo subjacente à linguagem natural foi defendido por Taylor (1989) no seu livro intitulado *Linguistic categorization*.

O meu interesse é olhar para a situação descrita por Taylor numa perspectiva complementar, ou seja, mostrar que a polissemia (ou semelhança familiar) das categorias gramaticais é indissociável do facto de diferentes categorias terem membros comuns. Por outras palavras, algumas expressões de uma língua podem ser classificadas como pertencendo a mais do que uma categoria. Esta característica foi notada por Dahl (1985), que usa o termo *multidimensional impreciseness* para descrever categorias prototípicas em termos de um **conjunto** de critérios independentes. Elementos obedecendo apenas a alguns critérios (e não a todos) seriam pois vagos. (A propósito, uma análise interessante desta situação seria considerar, na definição dessas categorias, a conjunção *e* como vaga entre conjunção lógica e união de conjuntos, como Kempson (1977:8.1) sugere para a conjunção *or*.)

Ilustro a vagueza *gramatical* com “gramática elementar” portuguesa⁸:

- Categoria *gramatical*: em *Ele é amigo do Pedro*, *amigo* é adjectivo ou nome?⁹ Por um lado, *amigo* pode ser modi-

(8) Exemplos retirados das minhas aulas de gramática aos alunos de Português do Departamento de Línguas Clássicas e Românicas da Universidade de Oslo, em 1996 e 1997.

(9) De notar que *adjectivo* e *nome* são, essencialmente, categorias da gramática portuguesa, que não correspondem, portanto, necessariamente aos *adjective* e *noun* ingleses. De facto, uma das ideias que pretendo transmitir no presente artigo é precisamente a de que é tão premente uma gramática/sintaxe contrastiva como uma lexicologia/lexicografia contrastiva.

ficado por *muito* como é a regra para os adjectivos; por outro lado, a frase é análoga a *ele é tio do Pedro*, sendo *tio* indiscutivelmente um nome.

- Que verbo de cópula, *ser* ou *estar*? Em *Apaixonado, recusou o convite*, ele recusou porque estava apaixonado, ou porque é um ser apaixonado, que reage com paixão?
- Adjectivo ou particípio passado? Em *O muro pintado de branco tem de ser deitado abaixo*, referimo-nos ao muro que está pintado de branco ou que foi pintado de branco?
- *Se* passivo ou inergativo¹⁰? Em *O barco afundou-se*, estamos a afirmar, em linguagem coloquial, que o afundámos, ou apenas que aconteceu o barco afundar-se?
- *Se* recíproco ou reflexo? Em *Eles encontraram-se na praia*, encontraram um ao outro, ou descobriram que estavam na praia?
- Inceptivo ou estativo? Em *Conhecer pessoas como ele é uma aventura*, referimo-nos a ser conhecido delas ou encontrá-las pela primeira vez?
- Gerúndio temporal ou causal? Em *Uma vez, passando por casa dela, lembrei-me do irmão*, estou a dizer que me lembrei quando passava por casa dela, ou porque passava por casa dela?
- Gerúndio consecutivo ou temporal? Em *Fechei a porta da cozinha, deixando-a nos seus domínios*, deixei-a em consequência do fecho, ou fechei ao mesmo tempo que a deixava?

Os exemplos não têm fim. O que é importante realçar é que com eles apenas pretendo ilustrar a variedade de formas que a vagueza gramatical pode tomar, e não indicar problemas na compreensão das frases. Pelo contrário, muitas vezes as perguntas formuladas não são relevantes para o falante: o mais natural seria responder “queria dizer ambas as coisas”. O que é importante é que essas mesmas perguntas podem ser cruciais para o tradutor!

Outra fonte (indirecta) que aponta para a importância da vagueza gramatical são as alusões frequentes a esta na literatura de Linguística computacional / Processamento de linguagem

(10) Seguindo a nomenclatura de Mateus et al. (1989).

natural. Senão vejamos: na detecção de a que sintagma nominal um dado sintagma preposicional se refere, a percentagem de exemplos vagos entre ligar-se ao verbo ou ao nome, considerando que *uma ligação é indeterminada semanticamente se as situações que verificam o significado associado a uma ligação também tornam o significado associado à outra ligação verdadeiro* (Hindle & Rooth, 1993, p.113, tradução minha) apresentada por Hindle & Rooth foi de 8,7% a 21,7%. Da mesma maneira, no que respeita à referência anafórica do pronome *it* em inglês, Sampson (1987) sustenta que num número significativo de casos não é trivial decidir qual o seu antecedente, por causa da vagueza do texto. Finalmente, a anotação de corpora é apresentada por Leech como uma tarefa difícil precisamente porque as formas são frequentemente vagas entre várias categorias: *a nossa experiência de corpora sugere que a incerteza em relação a categorização é muito frequente [...] devido à natureza prototípica, ou esbatida ("fuzzy"), da maior parte das categorias linguísticas* (Leech, 1993, p. 280, tradução minha).

De facto, basta pensar que a maior parte das distinções relevantes numa língua (específica), e que foram portanto categorizadas por linguistas, podem ser neutralizadas em alguns contextos (e são-no além disso no uso da língua), para concluir que se devia conceder mais importância à vagueza gramatical. Essa neutralização pode reexprimir-se em termos de vagueza da seguinte forma: as expressões são vagas em relação às duas (ou mais) características a que se referia a classificação.¹¹

(11) Na linguagem do estruturalismo, podemos dizer que a ausência de marcação ("unmarkedness") implica vagueza: se uma expressão é não marcada em relação, por exemplo, ao género gramatical, podemos dizer que essa expressão é vaga em relação a todos os géneros possíveis. A ausência de marcação não pode ser identificada com a minha definição de vagueza, contudo, apenas incluída nela, visto que uma expressão pode ser vaga entre A ou B sem que nenhum de A ou B seja exprimível em termos de uma escala de marcação, i.e., A e B não têm necessariamente de se encontrar em oposição privativa ou equipolente para uma expressão ser vaga entre eles.

O meu principal objectivo neste artigo é mostrar as consequências desta propriedade, a vagueza, para a tradução. Sendo a gramática de qualquer língua essencialmente vaga, e dado que cada língua (e portanto cada gramática) é diferente, a tradução requer múltiplas escolhas para qualquer expressão, por mais pequena e simples que seja. Porque não são apenas as palavras e expressões a traduzir que exigem escolhas, mas também todas as classificações a que a frase pode ser sujeita (e que façam sentido¹², naturalmente), ou seja, categorias gramaticais, operadores gramaticais, traços estilísticos, referência a entidades extralingüísticas, etc. etc. podem ser vagos contrastivamente – e são-no na maioria dos casos. Além de poderem, como acabei de exemplificar, ser vagos na própria língua (de forma monolíngüe, portanto).

De forma mais explícita:

- quando não há operador gramatical, marcador estilístico, ou mesmo categoria gramatical, equivalente, o tradutor tem de escolher que partes do sentido transmitir;
- quando algumas das características gramaticais (ou lexicais, evidentemente) são contrastivamente vagas, o tradutor tem de escolher uma parte do sentido;
- quando a vagueza gramatical na língua de origem não pode ser preservada, o tradutor tem de escolher que interpretação traduzir.

Ou seja, mesmo uma frase pequena, aparentemente trivial, pode envolver mais problemas do que o simples tomar em conta da vagueza contrastiva lexical, ou da vagueza referencial, faria esperar.

No resto do presente artigo, apresentarei vários exemplos que demonstram a magnitude deste problema em traduções reais. Mas primeiro quero voltar à definição de vagueza para a refinar em dois sentidos: contrastando-a com a noção de ambiguidade, e restringindo o tipo de subespecificação que interessa considerar.

(12) Em termos da gramática da língua de origem, bem entendido.

Refinando a definição de vagueza

Em meu entender, nem toda a subespecificação qualifica como vagueza: importa apenas considerar a informação relacionada com a classificação. Assim, uma palavra pode ser vaga, por exemplo, em relação ao género numa língua em que as palavras podem ser marcadas a esse respeito, mas não pode ser vaga em relação a estar a nevar ou não numa classificação de género, apesar de ser obviamente subespecificada em relação ao tempo.

De facto, o meu conceito de vagueza está inextricavelmente associado à noção de sistema: a vagueza é sistemática e é uma propriedade essencial de qualquer língua. Em contrapartida, a ambiguidade é não sistemática e acidental (embora também muito frequente).¹³

Tanto a vagueza como a ambiguidade podem ser caracterizadas de forma muito geral como *casos em que uma expressão tem mais de uma interpretação / classificação*. Contudo, as duas interpretações excluem-se mutuamente no caso da ambiguidade, e não se tivermos uma expressão vaga. Além disso, o fenómeno da vagueza encontra-se tanto na competência linguística como no desempenho ("performance"), enquanto a ambiguidade é uma propriedade apenas deste último.

Uma expressão é vaga entre A e B se A e B tiverem uma intersecção não nula, ou se algum conteúdo for partilhado entre A e B, de forma a ser fácil – e económico – usar o mesmo objecto linguístico para dois objectivos diferentes. Com este requisito, excluimos a possibilidade de ter uma expressão vaga entre A e não A. Como a vagueza faz parte do sistema linguístico, usá-la é apanágio do conhecimento básico da língua materna, e como tal, encontra-se automaticamente reflectida no desem-

(13) Quando digo que a ambiguidade é não sistemática estou a referir-me ao facto de que a ambiguidade a um determinado nível tende a ser reduzida (e a expressão desambiguada) a um nível superior (com mais contexto), enquanto a vagueza pode ser preservada e mantida por uma "conspiração" de todos os níveis. (Por exemplo, a ambiguidade morfológica é geralmente eliminada pelo contexto sintáctico.)

penho linguístico de qualquer falante. Pelo contrário, a maioria das ambiguidades presentes num dado discurso não só não são reconhecidas mas são irrelevantes de um ponto de vista comunicativo, e, daí, não causam problemas ao tradutor.¹⁴

Em último lugar, uma diferença muito importante entre ambiguidade e vagueza é que a escolha de uma das alternativas preserva a informação (se se escolher a certa, naturalmente) no caso de a expressão ser ambígua – se não nos encontrarmos nos casos discutidos na nota anterior – enquanto se a expressão for vaga, seja qual for a escolha resulta sempre em perda, como notaram, entre outros, Kaplan *et al.* (1989).

Note-se, contudo, que nenhuma das observações feitas acima nos dá um critério objectivo e totalmente abrangente que permita discernir entre ambiguidade e vagueza de forma absoluta. Restam casos em que precisaríamos de “entrar dentro da cabeça” do autor para saber se este era indiferente às duas possibilidades ou se, pelo contrário, queria exprimir apenas uma delas; e, neste último caso, se estava consciente da ambiguidade. É preciso não esquecer, no entanto, que um teste e uma definição são coisas diferentes, como Gillon (1990) salienta.

Exemplos de vagueza no par inglês - português

O primeiro exemplo de vagueza linguística no domínio do aspecto na língua inglesa que apresento, e que me apercebi de que causava grande número de problemas para a tradução para português, diz respeito à classe aspectual inglesa cujos mem-

(14) Excluindo evidentemente os casos em que ambiguidade é intencional, ou percebida (veja-se Poesio, 1995) – como em piadas, ou, segundo Rydning (neste volume), em algum discurso político –, e é portanto relevante funcionalmente no sentido de Catford (1967). Nesses casos estamos provavelmente em presença de uma troca verbal intradutível, mas tal não é relevante no contexto do presente artigo (ainda que este tipo de problema seja muito mais discutido na literatura). De acordo com a minha definição, tais casos são claramente ambíguos, não vagos.

bros chamei *acquisitions* (e que passarei a referir por *aquisições inglesas*), ou seja, expressões vagas entre um estado e o acontecimento que dá origem a esse estado, e em favor de cuja existência argumentarei copiosamente.

De forma a poder dar uma ideia da grande variedade dos casos de vagueza gramatical contrastiva discutidos em Santos (1996), apresentarei também de seguida, embora de forma reduzida, outros exemplos.

A tradução de aquisições inglesas para português

A existência de verbos e expressões vagas entre um estado e a sua inepção encontra-se bem documentada na literatura sobre tempo e aspecto em inglês, como argumento em Santos (1996:7.1.2).

Para mostrar que tal causa problemas para a tradução para português, o exemplo melhor é o verbo *to be*, já que as suas traduções padrão (“standard translations”, na nomenclatura de Gellerstam (1986)), *ser* e *estar*, não podem ser usadas para descrever o início de um estado ou propriedade. Mas também me dei conta, no meu estudo, de que a passiva, os verbos de posição e os próprios verbos de percepção ingleses¹⁵ incluíam essa vagueza, ou por outras palavras, tinham um comportamento de *acquisitions*.

Como é que um corpus de traduções pode provar, ou, pelo menos, confirmar que uma dada expressão ou classe de expressões é vaga? Neste artigo, uso vários métodos: em primeiro lugar, apresento frases genuinamente vagas em inglês, tornando essa vagueza explícita fazendo perguntas a que o texto de origem não responde; em segundo lugar, como indício de que tal vagueza causou problemas ao tradutor (se bem que não necessariamente de forma consciente), apresento traduções “problemáticas”, ou, pelo menos, traduções alternativas que considero, se não melhores, pelo menos igualmente aceitáveis. Em terceiro lugar, apresento aquilo que considero como traduções que preservam a vagueza; finalmente, apresento alguns

(15) Sobre estes últimos, veja-se Santos (no prelo, b).

dados quantitativos para mostrar que não me refiro a fenómenos isolados.¹⁶

Começo por dois exemplos com os verbos *be* e *have*, tradicionalmente considerados como sendo protótipos de estatividade, e que foram traduzidos por acontecimentos em português:

(1) *And she **was** silent, for his voice was command.*

Ela **calou**-se, porque a voz dele era uma ordem.

'E ela estava em silêncio porque a voz dele era de comando.'

(2) *Then, snarling, Kino **had** it, had it in his fingers, rubbing it to a paste in his hands.*

Então Kino soltou um grito e **agarrou**-o, agarrou-o com os dedos, esborrachou-o nas mãos.

'Então, aos gritos, Kino tinha-o na mão, tinha-o entre os dedos, esfregando-o até ficar com uma pasta nas mãos.'

O exemplo seguinte contém um verbo de posição do corpo humano inglês, que é sabido poder querer dizer quer "acção que dá origem à posição" quer a própria posição. Ou seja, estes verbos são simplesmente vagos entre as duas alternativas.

(3) *After a while they **lay** down together on the sleeping mat.*

Momentos depois, **estavam estendidos**, lado a lado, na esteira.

'Dali a pouco tempo deitaram-se juntos na esteira.'

O que torna o exemplo (3) particularmente interessante, contudo, é que todos os linguistas que consultei (na sua maioria falantes nativos de línguas germânicas) o consideraram como um erro de tradução. Mas o facto de que o tradutor cometeu esse erro (?) indica precisamente que teve uma escolha a fazer (e se enganou). Note-se que a sua escolha não foi arbitrária, mas condicionada pela possível vagueza do original.

(16) Os exemplos são extraídos de *The Pearl*, de John Steinbeck, Bantam Books, 1975 (primeira edição, 1945), traduzido para português de Portugal por Mário Dionísio: John Steinbeck, *A pérola*, Publicações Europa-América, 1977. Após os exemplos em itálico, forneço em alguns casos uma tradução (entre pelicas) para português da frase original inglesa que permita a um leitor não familiarizado com a língua inglesa seguir o argumento. Outras vezes sugiro mesmo uma tradução alternativa, identificada por "ALT:".

Não me interessa aqui discutir a qualidade de traduções específicas; o que me move é o desejo de mostrar que existem outras traduções para as frases em questão que, escolhendo a interpretação alternativa, também qualificariam como aceitáveis naquele contexto particular. Os exemplos seguintes apresentam simultaneamente a tradução publicada e a alternativa (insisto, sem qualquer intuito crítico):

- (4) *and any children who showed a tendency to scuffle, to scream, to cry out, to steal hats and rumple hair, **were hissed** to silence by the elders.*

*Se qualquer criança tentava brigar, gritar, chorar, roubar chapéus ou puxar os cabelos, logo os irmãos mais velhos **a obri-gavam** a estar quieta.*

ALT: As crianças que mostrassem agitação (...) eram mantidas em silêncio pelos assobios dos mais velhos.

- (5) *but having set it up, other forces **were set** up to destroy it. mas mal o construía, logo outras forças se **formavam** para o destruir.*

ALT: mas, tendo-o construído, outras forças intentavam na sua destruição.

- (6) *The great pearl **was wrapped** in an old soft piece of deerskin and **placed** in a little leather bag and the leather bag was in a pocket in Kino's shirt.*

***Embrulhou** a pérola num velho pedaço de macia pele de veado, **meteu-a** num pequenino saco de coiro, e o saco de coiro, por sua vez, na algibeira da camisa.*

ALT: A pérola estava embrulhada numa velha peça macia de pele de veado e metida num saquinho de couro num bolso da camisa de Kino.

- (7) *And, looking down, she **could** see the cigarette of the man on watch*

*Por baixo da gruta, Joana **viu** o cigarro da sentinela.*

ALT: Olhando para baixo, via o cigarro do homem de sentinela.

- (8) *All of these things Kino **saw** in the lucent pearl.*

*Tudo isto Kino **via** na pérola cintilante.*

ALT: Todas estas coisas Kino viu na pérola reluzente.

Noutros casos, a tradução tenta preservar a vagueza usando mecanismos da gramática portuguesa que envolvem uma

vagueza correspondente. A existência de tais traduções (mais complexas do que seria natural se houvesse uma classe correspondente em português) pode ser vista como mais uma achega que confirma a vagueza do original:

- (9) *he thought Kino might look toward the place where it was buried. pensava que Kino havia de denunciar com os olhos o lugar onde a **escondera**.*

‘ele pensou que Kino podia olhar para o sítio onde (a pérola) estava enterrada.’

- (10) *He **was shaved** close to the blue roots of his beard, and his hands were clean.*

Barbeara-se até às raízes azuis da barba, tinha as mãos muito limpas.

‘Ele estava barbeado quase até à raiz azul da barba e as suas mãos estavam limpas.’

- (11) *Kino’s brother Juan Tomás and his fat wife Apolonia and their four children crowded in the door and **blocked** the entrance.*

*João Tomás, irmão de Kino, a gorda Apolónia, mulher dele, e os quatro filhos vieram das suas cabanas, amontoaram-se à porta, **barrando** a entrada.*

‘João Tomás, irmão de Kino, mais a sua gorda mulher, Apolónia, e os quatro filhos enchiam/encheram a porta e bloqueavam/bloquearam a entrada.’

O pretérito mais que perfeito dos exemplos (9) e (10), fazendo referência tanto a um acontecimento como ao estado resultante do mesmo, mostrou ser uma forma adequada de traduzir a passiva inglesa, a qual também refere tanto a acção como o resultado. É interessante notar, a propósito, que a escolha desta forma de tradução não é condicionada pela vagueza em contexto do original: a frase inglesa em (9) só se pode referir a um estado. Contudo, a acção que deu origem a esse estado (o acto de enterrear) pareceu suficientemente importante ao tradutor para mudar a voz (de passiva para activa) e incluir o agente. No exemplo (11), por outro lado, o *simple past* foi traduzido pelo gerúndio, que permite tanto uma interpretação sequencial como simultânea das acções de barrar e amontoar (*blocking* e *crowding*).

Estes exemplos resultam talvez pouco convincentes, mas podem ser reforçados por estudos quantitativos, assim como pela

observação de partes diferentes do sistema. No que se segue, mostro como uma série de estudos independentes, mais pormenorizados, contribuem para a conclusão de que a classe das aquisições é uma realidade palpável na língua inglesa.

Em primeiro lugar, olhando para as traduções do verbo *to be* no *simple past* (Santos, 1996:14.2), resumidas na Tabela 2, dei-me conta de que na maioria dos casos em que em português tinha sido usado o pretérito perfeito simples, o verbo utilizado referia um acontecimento, transmitindo quer um aspecto incoativo quer representando uma instância de percepção.¹⁷

Tabela 2

<i>be</i>	simple past	333	Imperfeito	264
			Perfeito	27
			Mais que perfeito	11
			sintagma prep.	6

Vejam-se os seguintes exemplos:

- (12) *Her goading struck into his brain; his lips snarled and his eyes were fierce again.*

Estas perguntas incisivas chegaram-lhe ao cérebro; os lábios entreabriram-se e os olhos de novo se tornaram duros.

'O perguntar dela entrou-lhe pela cabeça dentro; os lábios abriram e os seus olhos estavam determinados outra vez.'

- (13) *Now the tension which had been growing in Juana boiled up to the surface and her lips were thin.*

A angústia que tinha estado a formar-se no coração de Joana veio então à superfície e pôs-lhe os lábios brancos.

'Agora a tensão que tinha vindo a crescer dentro de Joana tinha vindo à superfície e os lábios dela estavam brancos.'

-
- (17) Em pormenor, as exceções a esta regra foram: cinco construções de realce; dois casos traduzidos por *howe*; o caso de uma construção perifrástica inglesa *were long in coming*; um caso envolvendo um adverbial de duração com a preposição *for*, que portanto requer o pretérito perfeito; e um caso que pode ser interpretado como uma expressão idiomática, *and that was breakfast*, e que será discutido mais à frente quando apresentar a tradução portuguesa dos estados ingleses.

- (14) *He looked then for weakness in her face, for fear or irresolution, and there **was** none.*

*Ele procurou então no rosto da mulher fraqueza, medo ou irresolução. Nada disso **achou**.*

'He searched then in his wife's face weakness, fear or irresolution. Nothing of that did he find.'

Da forma em tudo idêntica, a motivação subjacente à tradução de *to be* pelo pretérito mais que perfeito é a possibilidade de este se referir tanto a uma mudança de estado como ao próprio estado (cf. Santos, 1996:13.2.1), como mostram os exemplos (15) e (16):

- (15) *He was growing very stout, and his voice **was** hoarse.*

*Tornara-se muito corpulento e **enrouquecera**.*

'Ele estava a ficar muito forte, e a voz dele era rouca.'

- (16) *He **was** quiet now.*

*Agora a criança **acalmara**.*

'Agora ele estava calmo.'

Por outro lado, analisando uma amostra aleatória de cinquenta verbos no *simple past* (diferentes de *to be*) traduzidos pelo pretérito imperfeito e outros cinquenta traduzidos pelo pretérito perfeito (veja-se Santos, 1996:14.4.1), encontrei casos similares que acrescentavam incoatividade, ou, pelo menos, que causavam problemas difíceis de resolver numa tradução – note-se que tais problemas não surgiriam numa análise monolíngüe do inglês.

Nos dois exemplos seguintes, a interpretação alternativa (e correspondente tradução) seriam igualmente naturais.

- (17) *And the morning of this day the canoes **lay** lined up on the beach.*

*Na manhã daquele dia os barcos **ficaram** na areia.*

'On the morning of that day the boats remained ashore.'

ALT: Na manhã desse dia as canoas estavam alinhadas na praia (podiam ver-se as canoas alinhadas na praia)

- (18) *Each of the three **knew** the pearl was valueless.*

*Qualquer dos três **achou** que a pérola não valia nada.*

'Any of the three considered that the pearl was worth nothing.'

ALT: Os três sabiam que a pérola não valia nada.

Além disso, ao estudar esta amostra aleatória tornou-se evidente que a vagueza relativa à sequência ou simultaneidade de duas acções não era preservada na maioria das traduções para português. Com efeito, enquanto que em inglês no *simple past* na maioria dos casos a interpretação da relação temporal entre duas acções é deixada ao leitor, as duas traduções mais naturais em português (imperfeito e perfeito) tornam explícita uma das ordens possíveis (nos exemplos seguintes, substitua-se o imperfeito pelo perfeito):

(19) *"I am sorry, my friend," he said, and his shoulders **rose** a little to indicate that the misfortune was no fault of his.*

– Lamento muito, meu amigo – disse ele. E **erguia** um pouco os ombros para mostrar bem que não tinha culpa nenhuma daquela contrariedade.

(20) *The hot sun beat on the earth so that Kino and Juana moved into the lacy shade of the brush, and small gray birds **scampered** on the ground in the shade.*

O sol ardente causticava tanto a terra que Kino e Joana tiveram de procurar a sombra rendilhada dos arbustos, donde pássaros **fugiam** apressados.

Em terceiro lugar, ao estudar a tradução do *simple past* pelo pretérito mais que perfeito (cf. Santos, 1996: 13.2. 1), observei que a maioria dos 39 casos corresponde a aquisições, que o tradutor tinha optado por dessa forma referir ao mesmo tempo o acontecimento e um estado ou posição:

(21) *only a few small barnacles **adhered** to the shell.*

só algumas pequenas lapas se lhe **tinham agarrado**.

'só algumas lapas pequenas estavam coladas à concha.'

(22) *who **squatted** on Kino's right hand.*

que se **agachara** à direita de Kino.

'que estava agachada à direita de Kino.'

(23) *The little hole was slightly enlarged and its edges whitened from the sucking, but the red swelling **extended** farther around it.*

a pequenina mancha aumentara um pouco, o contorno desinflatara-se com a sucção, mas toda a bolha vermelha se **alargara**.

'O buraquinho estava ligeiramente alargado e ao seu rebordo embranquecido devido à sucção, mas o inchaço vermelho estava mais espalhado à volta.'

E o mesmo se passa com a tradução da forma passiva inglesa pelo mais que perfeito (Santos, 1996:13.2.2):

(24) *for the hundreds of years of subjugation were cut deep in him.*
Porque centenas de anos de escravidão tinham cavado fundo nele.

‘Porque as centenas de anos de subjugação estavam cavadas nele.’

(25) *the torn flesh of the knuckles was turned grayish white by the sea water*

ao contacto da água salgada, em volta dos nós dos dedos se acinzentara

‘a carne dos nós dos dedos foi transformada em branca-acinzentada pela água do mar’

Em último lugar, e olhando apenas para a tradução portuguesa noutro contexto (relatado em Santos, a (no prelo)), o tradutês¹⁸ foi bem patente nos casos em que a força de uma aquisição inglesa tinha sido usada no original, e que portanto seriam sempre difíceis de transmitir em português. Dos três exemplos que se seguem, e cujo inglês tento reconstituir após a marca “REC”, dois empregam um acontecimento e um estado:

(26) *Esta resposta provocou grande excitação entre os animais e, assim que o elefante ficou suficientemente longe para não os ouvir, logo ali combinaram fazer um concurso, a ver quem conseguia que o elefante desse um salto.*

REC: ‘This answer caused great excitement among the animals and, as soon as the elephant was far enough not to hear them, at once arranged a competition to see who would make the elephant jump’

(*Os elefantes nunca saltam*, tradução de Carlos Grifo Babo de *Elephants never jump* de Violet Easton)

(27) *E todos tiveram de se pôr em fila e deitar uma moeda para um*

(18) O termo *tradutês* (“translationese”) é aqui empregue para designar o desvio em relação à língua de destino que acontece em textos traduzidos, devido à interferência (inconsciente) da língua de origem (da sua gramática ou do seu léxico); veja-se por exemplo Gellerstam (1986) ou Santos (1995a). No caso em discussão, as frases portuguesas usam palavras ou expressões (como *ficou longe*) que soam estranhas no contexto.

*capacete dos polícias. Este **ficou** muito pesado quando caiu lá dentro a última moeda!*

REC: 'And all must stand in a queue and throw a coin to a policeman helmet. This **was** very heavy when the last coin entered it!'

(*Viva o Nodi*, tradução de Maria da Graça Moctezuma de Hurrah for little Noddy! de Enid Blyton)

- (28) *O chefe da polícia deixou o Nodi guiar o autocarro como recompensa, e ele **estava** tão entusiasmado que é difícil descrever*

REC: 'The police chief let Noddy drive the bus as a reward, and he **was** so excited that it is difficult to describe'

(*Viva o Nodi*, tradução de Maria da Graça Moctezuma de Hurrah for Little Noddy! de Enid Blyton)

O que interessa salientar nestes exemplos é que resultam estranhos precisamente porque o tradutor foi incapaz de exprimir as duas partes da aquisição inglesa.

Em resumo, parece-me claro que este fenómeno – da vagueza entre um estado e o acontecimento que lhe dá origem – é não só bastante comum em inglês (é, além disso preservado pelo *simple past*) como acarreta uma miríade de pequenos problemas no que respeita à tradução para português. No entanto, este é apenas um dos muitos casos de vagueza contrastiva que me foi dado apreciar no par inglês-português. Nas secções seguintes proponho-me pois descrever resumidamente alguns outros tipos identificados.

A tradução das actividades inglesas para o português

Um tipo de vagueza semelhante, entre a inepção de uma actividade e a própria actividade, verifica-se no caso das actividades inglesas (*activities*). De facto, alguns dos exemplos já apresentados ((21) e (23), envolvendo os verbos *adhere* e *extend*), podem ser interpretados desta maneira¹⁹; outros casos evidentes são:

(19) Esta observação aponta para o facto de algumas expressões em inglês serem vagas entre um estado e uma actividade (o que, dada a ubiquidade da vagueza gramatical, não é de surpreender).

- (29) *And as Kino raised his right hand to the iron ring knocker in the gate, rage **swelled** in him, and the pounding music of the enemy **beat** in his ears, and his lips **drew** tight against his teeth.*

*Quando Kino levou a mão direita ao batente de bronze do portão, a raiva **creceu** dentro dele, a música barulhenta do inimigo **enchou**-lhe os ouvidos, os lábios **apertaram**-se-lhe contra os dentes.*

'E quando o Kino levantou a sua mão direita até ao batente de ferro do portão, a raiva fervilhava nele, e a música pesada do inimigo batia-lhe aos ouvidos, e os lábios apertavam-se-lhe contra os dentes.'

Mas esta situação não esgota de forma alguma os problemas que as actividades inglesas implicam: com efeito, estas constituem um problema difícil para a tradução para português não por serem gramaticalmente vagas em inglês, mas porque não existe uma classe correspondente em português (em defesa desta afirmação, veja-se Santos, 1996:7.1.3). Tal situação leva a que a maioria das actividades seja contrastivamente vaga em relação ao português sem que o seja necessariamente de um ponto de vista monolíngue.

Podemos mostrá-lo pelas escolhas feitas pelo tradutor quando o texto de origem contém actividades: Os exemplos (30), (31) e (32) ilustram respectivamente um acontecimento resultativo, uma situação habitual, e um acontecimento semelfactivo (ou seja, que acontece uma vez só). As traduções alternativas, porém, apresentam, na mesma ordem, um acontecimento plural, um semelfactivo e um estado:

- (30) *the neighbours were **tumbling** from their houses now.*

*Os vizinhos tinham **acorrído**.*

ALT: Os vizinhos vinham aos tropeções.

- (31) *And the rhythm of the family song was the grinding stone where Juana **worked** the corn for the morning cakes.*

*o ritmo dessa música familiar vinha da mó com que Joana **preparava** o milho para a refeição da manhã.*

ALT: O ritmo dessa música familiar vinha da mó com que Joana estava a preparar o milho para a refeição da manhã.

- (32) *It stopped, and its tail rose up over its back in little jerks and the curved thorn on the tail's end **glistened**.*

*imobilizou-se. Em pequenas sacudidelas, foi erguendo a cauda no ar, e, no extremo dela, o ferrão curvo **brilhou**.*

ALT: Parou e a cauda ergueu-se em pequenas sacudidelas. O ferrão curvo na ponta brilhava.

Estes exemplos mostram portanto que os textos ingleses são (ou podem ser) vagos em relação à presença de resultado, à habitualidade, e em relação à presença ou ausência de inceptão, quando está em causa a tradução para português, porque um falante desta língua tem de tomar decisões em relação a essas questões para os traduzir.²⁰

A tradução dos estados ingleses para português

Uma questão particularmente interessante no contraste entre as duas línguas é a relevância dada, em português, à distinção entre qualidades (ou estados permanentes) e estados (estados temporários), que toma muitas vezes a forma de uma interpretação habitual vs. outra semelfactiva, quando o verbo em questão é um acontecimento. O inglês é fundamentalmente vago

(20) É preciso reconhecer que estes três exemplos, de facto, podem corresponder a três tipos de situações distintas: Ao usar a progressiva, a frase inglesa em (30) não é marcada em relação a resultatividade, mesmo que se considere que a palavra *tumble* inclui no seu significado lexical a existência de resultado além de especificar a maneira de a acção se desenrolar ("manner"). O tradutor desistiu de exprimir a maneira e exprimiou o resultado plausível em português. Pode-se portanto considerar que este caso apenas ilustra uma adição de conteúdo que não estava presente na frase original. A frase (31), por outro lado, se considerarmos que a língua inglesa não distingue formalmente entre habitualidade e semelfactividade (cf. a próxima secção), é um exemplo de vagueza contrastiva. Finalmente, (32) corresponde a um caso de vagueza genuína em inglês, entre a inceptão e o desenrolar de uma actividade. (A vagueza monolingue pode ser justificada pelo facto de o inglês ter a possibilidade de indicar formalmente esse desenrolar através da forma progressiva, assim como de exprimir sem ambiguidade o começo de uma acção, através do aspectualizador *begin*.) Seja como for, estes três exemplos ilustram bem as dificuldades na tradução de actividades para português.

em relação a esta distinção²¹, o que leva a que um tradutor tenha de tomar uma decisão a esse respeito frequentemente.

Os exemplos que se seguem ilustram escolhas diferentes; a tradução alternativa que sugiro pretende clarificar a escolha que foi feita:

- (33) *On his lap was a silver tray with a silver chocolate pot and a tiny cup of eggshell china, so delicate that it **looked** silly when he **lifted** it with his big hand, lifted it with the tips of thumb and forefinger and spread the other three fingers wide to get them out of the way.*

Tinha um tabuleiro de prata no colo, com uma chocolateira também de prata e uma finíssima chávena de porcelana da China.

*tão delicada que **ficava** deslocada quando ele a **levantava** na mão enorme, segurando-a nas pontas do polegar e do indicador de modo que os outros três dedos estendidos lhe não tocassem.*

ALT: tinha um tabuleiro de prata no colo com um bule de cacau de prata e uma chávena de porcelana chinesa, tão frágil que pareceu deslocada quando ele a levantou na sua mão grossa, com as pontas do polegar e do indicador na asa, e os outros dedos esticados para não atrapalhar.

- (34) *Beside him on a table **was** a small Oriental gong and a bowl of cigarettes.*

*Ao lado, na banca de cabeceira, **havia** um pequeno tantã oriental e um maço de cigarros.*

ALT: Numa mesa ao seu lado estava um pequeno tantã oriental e uma jarra com cigarros.

- (35) *And he drank a little pulque and that **was** breakfast.*

*Bebeu um pouco de pulque. E **foi** o seu pequeno almoço.*

ALT: E bebeu um pouco de pulque, e isso era o seu pequeno almoço habitual.

Embora o pretérito imperfeito também possa ser considerado em alguns casos vago entre as duas possibilidades – des-

(21) Em Santos (1996:6.2.1), considero com algum pormenor a hipótese de o inglês não fazer sequer essa distinção, o que levaria a considerar esta situação de vagueza como puramente contrastiva.

crever uma qualidade ou uma situação particular –,²² a sua interpretação não marcada é a habitual, descrevendo um estado de coisas permanente, e não situado no tempo de forma definida. (Uma forma elegante de descrever este contraste é sugerir que o pretérito imperfeito simples se encontra em oposição privativa com a sua forma progressiva, que tem, por seu lado, como única interpretação uma leitura semelfactiva, de uma situação bem localizada em progresso; cf. Santos (1995b)). Daí que, mesmo que a vagueza seja mantida em teoria, as seguintes traduções sejam problemáticas:

(36) *and now she **did** a most surprising thing*
*e, de repente, **saía-se** com a mais inesperada das ideias*
 'e agora ela tinha feito uma coisa extraordinária'

(37) *and the thought **got** into Kino*
*Era o que Kino também **pensava***
 'e Kino pensou nisso'

Com efeito, analisando apenas o texto em português em contexto, classifiquei estas frases como habituais (ou descrevendo qualidades), e não referindo acontecimentos concretos únicos, como explicado em Santos (1996:10.2.5). O que demonstra que em alguns casos²³ a melhor opção não é preservar a vagueza, mas sim escolher uma das duas interpretações, e consequente tradução.

A tradução para português do *perfect* inglês

Os exemplos anteriores são todos casos em que o inglês é vago em relação a (algumas distinções necessárias para traduzir para) o português. Também há problemas na tradução de inglês para português, contudo, quando é este último que é vago em relação a uma distinção feita em inglês.

Escolhi o *present perfect* inglês porque no contexto particular do meu corpus este tempo tem um uso adicional além dos

(22) Um exemplo é a interpretação de *trabalhava* no exemplo (31). A interpretação "naquele momento" não pode ser excluída, mas a interpretação "em geral" é muito mais saliente.

(23) Provavelmente sempre que as duas línguas, quando vagas, têm elementos marcados inversos.

muitos que lhe são atribuídos: o seu emprego assinala uma linguagem arcaica, e é empregue sistematicamente nas conversas entre o povo ignorante e o padre. Além disso, o *present perfect* inglês é usado (cf. Santos (1996:cap12)) para invocar relevância (algo sobre o qual o português é vago), cf. exemplos (38)-(39); para exprimir um agora estendido (“extended now”) (que só é sinalizável em português no caso de ocorrências repetidas), exemplo (40); para indicar a existência de resultado (assunto sobre o qual o português é vago na maioria dos casos, exemplo (41)); e/ou para localizar um acontecimento num passado indefinido, exemplo (42):

(38) “*This pearl **has become** my soul.*”

– Esta pérola **tornou-se** a minha alma.

(39) *now that you **have become** a rich man.*

– Agora, que **és** um homem rico.

(40) “*If that is so, then all of us **have been** cheated all of our lives.*”

– Se isso é possível, quer dizer que **temos sido** roubados toda a vida.

(41) *I **have come** to see the baby*

vim ver o pequeno

(42) “*I **have heard** him make that sermon,*” said Juan Tomás.

– Eu **ouvi-o** fazer esse sermão – disse João Tomás.

De notar que, no caso do *present perfect*, o tradutor tem de escolher quais destas facetas são apropriadas no contexto (note-se que nada impede que mais do que uma o seja!); se nem todas puderem ser simultaneamente expressas na tradução, qual passar para a língua de destino; além disso, escolher qual a tradução apropriada para essa mesma faceta.

(43) “*Oh, my brother, an insult **has been** put on me that is deeper than my life.*”

– Ó meu irmão, **fizeram-me** um insulto que é mais forte do que a vida.

Exemplificando com o exemplo (43), a sua tradução não transmite a conotação de relevância para o momento presente, nem o estilo de linguagem arcaica, nem mesmo possivelmente a existência de resultado²⁴, o que não quer dizer que seja fácil fazer melhor.

(24) O tradutor usa a expressão *fazer um insulto* para tentar exprimir resultatividade (que um insulto cobriu a personagem, que caiu

Não é pois de admirar que uma das características do texto original que os tradutores mais costumam deixar para trás seja precisamente o seu nível de língua – como foi notado por Gellerstam (1986) e mais recentemente por Baker (1996). A explicação é simples: já têm problemas suficientes ao tentar transmitir (parcialmente) o próprio significado do texto original. De facto, não surpreenderei decerto ninguém se afirmar que não existe em português um mecanismo gramatical que exprima simultaneamente relevância, foque o resultado, situe o acontecimento num agora estendido, e, além disso, tenha conotações arcaicas! Pelo contrário, este exemplo serve para lembrar que os casos mais prototípicos (e, em consequência, melhores de um ponto de vista literário) do uso do *present perfect* inglês transmitirão toda esta informação. E, por isso, trarão as maiores dores de cabeça para o tradutor.

Conclusão

Espero ter convencido os leitores de que a noção de vagueza como definida aqui é indispensável quer no estudo da gramática de uma língua quer no do contraste entre duas línguas. Nada mais natural do que a uma expressão linguística ser possível associar mais do que uma classificação (não sendo, além disso, as classificações disjuntas). Este estado de coisas constitui, no entanto, um dos problemas mais delicados para um tradutor.

No espaço deste artigo, muitos exemplos relevantes ficaram por incluir, assim como não me foi possível discutir pormenorizadamente cada par apresentado, nem rever outras abordagens sobre o fenómeno da vagueza. Em Santos (1996) é possível, contudo, ter acesso a mais informação sobre este e outros assuntos relacionados.

nele como uma nódoa, que ainda o atinge), mas na minha opinião o objectivo não foi totalmente atingido, porque nem a expressão *fazer um insulto* é usada em português correntemente, nem o próprio verbo *fazer* é de facto resultativo ainda que o seu objecto directo possa denotar um resultado: assim, *fazer um discurso* ou *fazer uma cena* não são resultativos, enquanto *fazer um bolo* ou *fazer um filme* o são.

Agradecimentos

Agradeço a Signe Oksefjell a leitura crítica de uma versão anterior deste trabalho, assim com a Kjell-Johan Sæbø várias discussões que muito contribuíram para aclarar as minhas ideias sobre o assunto.

Referências bibliográficas

- BAKER, M. (1996) Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (ed.) *Terminology, LSP and Translation: Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, p. 175-86.
- BASSNET-McGUIRE, S. (1980) *Translation Studies*. London, Routledge.
- CATFORD, J.C. (1967) *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*. Oxford, Oxford University Press.
- DAHL, Ö. (1985) *Tense and Aspect Systems*. Oxford, Blackwell.
- DYVIK, H. J. J. (1997) *Semantic Mirrors: A Translational basis for Linguistic Semantics*. Department of Linguistics and Comparative Literature, University of Bergen. Unfinished manuscript, September 1997.
- GELLERSTAM, M. (1986) Translationese in Swedish novels translated from English. In: WOLLIN, L. & LINDQUIST, H. (eds.) *Translation studies in Scandinavia*. Lund, CWK Gleerup, p.88-95.
- GILLON, B. S. (1990) Ambiguity, generality, and indeterminacy: tests and definitions. *Synthese* 85, p.391-416.
- HINDLE, D. & ROOTH, M. (1993) Structural Ambiguity and Lexical Relations. *Computational Linguistics* 19, p.103-20.
- KAMEYAMA, M., OCHITANI, R. & PETERS, S. (1991) Resolving Translation Mismatches With Information Flow. In: *Proceedings of the 29th Annual Meeting of the ACL* (Berkeley, 18-21 June 1991), p.193-200.
- KAPLAN, R. M., NETTER, K., WEDEKIND, J. & ZAENEN, A. (1989) Translation by Structural Correspondences. In: *Proceedings of the 4th Conference of the European Chapter of the ACL* (Manchester, 10-12 April 1989), p.272-81.
- KEENAN, E. L. (1978) Some Logical Problems in Translation. In: GUENTHNER, F. & GUENTHNER-REUTTER, M. (eds.) *Meaning and*

- Translation: Philosophical and Linguistic Approaches*. London, Duckworth, p.157-89.
- KEMPSON, R. M. (1977) *Semantic theory*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LEECH, G. (1993) Corpus Annotation Schemes. *Literary and Linguistic Computing* 8, p.275-81.
- LYONS, J. (1968) *Introduction to Theoretical Linguistics*. London, Cambridge University Press.
- _____. (1977) *Semantics*. Cambridge, Cambridge University Press, 2 Vols.
- MATEUS, M. H. M., BRITO, A. M., DUARTE, I. & FARIA, H. (1989) *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Caminho, 2ª edição revista e aumentada.
- NIDA, E. A. (1959) Principles of translation as exemplified by Bible translating. In: BROWNER, R. A. (ed.) *On Translation*. Cambridge, Mass., Harvard University Press, p.11-31.
- POESIO, M. (1995) Semantic Ambiguity and Perceived Ambiguity. *Research Report, HCRC/RP-68*, Human Communication Research Centre, University of Edinburgh, May 1995.
- RYDNING, A. F. (Neste volume) La notion d'ambigüité en traduction.
- SAMPSON, G. (1987) MT: a nonconformist's view of the state of the art. In: KING, M. (ed.) *Machine Translation Today: The State of the Art (Proceedings of the Third Lugano Tutorial, 2-7 April 1984)*. Edinburgh, Edinburgh University Press, p.91-108.
- SANTOS, D. (1995) On grammatical translationese. In: KOSKENNIEMI, K. (comp.) *Short papers presented at the Tenth Scandinavian Conference on Computational Linguistics* (Helsinki, 29-30th May 1995), Helsinki, p.59-66.
- _____. (1995b) L'Imperfeito português: étude systématique de ses fonctions et de comment en rendre compte en traduisant vers l'anglais. *Actes du XXIème Congrès de Linguistique et Philologie Romanes* (Palermo, 18-24 Septembre 1995), à paraître.
- _____. (1996) *Tense and aspect in English and Portuguese: a contrastive semantical study*. Tese de doutoramento, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Junho de 1996.
- _____. (No prelo, a) O tradutês na literatura infantil traduzida em Portugal. In: *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Lisboa, 1-3 de Outubro de 1997).

- _____. (No prelo,b) Perception verbs in English and Portuguese. In: JOHANSSON, S. & OKSEFJELL, S. (eds.) *Corpora and Crosslinguistic Research: Theory, Method, and Case Studies*. Amsterdam/Atlanta, Rodopi.
- SAPIR, E. (1944) On grading: a study in semantics. *Philosophy of Science* 2, p.93-116.
- TAYLOR, J. R. (1989) *Linguistic categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford, Clarendon Press.